

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

JOSIELE APARECIDA DE CRISTO

**A SIRENE: MODELOS DE NEGÓCIOS EM NOVOS ARRANJOS PRODUTIVOS
JORNALÍSTICOS**

Mariana-MG

2024

JOSIELE APARECIDA DE CRISTO

**A SIRENE: MODELOS DE NEGÓCIOS EM NOVOS ARRANJOS PRODUTIVOS
JORNALÍSTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Administração do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva

Mariana-MG

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C933s Cristo, Josiele Aparecida.

A sirene [manuscrito]: modelos de negócios em novos arranjos produtivos jornalísticos. / Josiele Aparecida Cristo. - 2024.
31 f.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Administração .

1. Desastres ambientais - Mariana (MG). 2. Jornalismo. 3. Memória coletiva - Mariana (MG). 4. Sustentabilidade. I. Saraiva, Carolina Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:504

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Josiele Aparecida de Cristo

A Sirene: Modelos de Negócios em Novos Arranjos Produtivos Jornalísticos

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração.

Aprovada em 10 de outubro de 2024.

Membros da banca

Doutora – Carolina Machado Saraiva - Orientador(a) – Universidade Federal de Ouro Preto
Mestre - Itaiane de Paula – Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora - Simone Aparecida Simões Rocha – Universidade Federal de Ouro Preto

Carolina Machado Saraiva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/10/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Machado Saraiva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/10/2024, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0793415** e o código CRC **9EBE0036**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha imensa gratidão a Deus, que me sustentou em cada passo durante a jornada de elaboração deste trabalho. Sem Sua presença constante, sei que não teria tido a força e a determinação necessárias para superar os desafios e manter o foco ao longo desse processo. Foi Ele quem me guiou nos momentos de incerteza e me deu coragem para seguir em frente, mesmo quando as dificuldades pareciam insuperáveis. A Sua sabedoria me inspirou e me deu clareza para tomar decisões, e a Sua graça me encheu de serenidade para lidar com cada obstáculo que surgia. Agradecer a Deus não é apenas uma formalidade, mas o reconhecimento sincero de que Ele esteve presente em cada decisão e em cada pequena vitória ao longo deste processo.

Além disso, gostaria de expressar minha profunda gratidão aos meus pais, Maria e Agostinho, por sempre me incentivarem a investir em meu conhecimento, pois ninguém pode tirar isso de você. Não me arrependo nem por um momento de ter seguido esse valioso conselho, pois este é o resultado pelo qual tenho trabalhado arduamente para alcançar.

Nem tudo o que almejamos em nossa vida é fácil, para concluir os estudos, as vezes é necessário abrir mão de algumas coisas, mas sem sombra de dúvidas ter pessoas especiais ao seu lado nesse momento da vida fazem toda a diferença, os meus amigos, familiares estiveram junto comigo durante todo esse processo e sou muito grata a cada um deles por terem contribuído para que essa conquista fosse possível.

Durante esse período, conheci pessoas muito especiais em minha vida, e sou muito grata a Deus por isso. Em especial uma pessoa que sempre me incentivou com palavras encorajadoras, sempre me mostrando o quanto sou capaz e que tenho uma grande força para alcançar tudo o que almejo, que às vezes acho que não tenho o suficiente. Eu passei a me enxergar de uma forma melhor depois que essas palavras me foram ditas. Essa pessoa me ajudou na realização desse trabalho e não tenho como expressar o meu carinho por ter feito essa gentileza para mim, estará sempre em meu coração.

Expresso minha profunda gratidão aos professores que me acompanharam ao longo desta jornada acadêmica. Cada ensinamento, conselho e palavra de incentivo moldaram não apenas meu conhecimento, mas também a pessoa que sou hoje. Foram fundamentais para que eu pudesse alcançar este momento e concluir este trabalho com dedicação e esforço.

Em especial, gostaria de agradecer à minha querida professora e orientadora, Carol Saraiva, que esteve ao meu lado desde o início da graduação. Sua paciência, sabedoria e incentivo foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho e, sem sua valiosa contribuição, esta jornada teria sido muito mais difícil.

E por fim, gostaria de agradecer meus amigos que conheci durante a graduação, dentre elas pessoas super especiais e também aos colegas de sala que fizeram parte da minha vida durante um espaço de tempo, tornando essa jornada mais leve e que de certa forma contribuíram para o meu crescimento pessoal e para o meu aprendizado.

*“Educação não transforma o mundo,
Educação muda as pessoas,
Pessoas mudam o mundo”.*

(Paulo Freire)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os desafios e as estratégias de sustentabilidade adotadas pelo Jornal A Sirene, criado pelos e para os atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), em 2015. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica, abrangendo publicações até o ano de 2024, por se tratar de um tema que não possui muitas matérias encontradas em pesquisas acadêmicas que são muito recentes. O Jornal A Sirene se destaca por sua abordagem colaborativa e contra-hegemônica, na qual as próprias vítimas participam da produção editorial. No entanto, a falta de fontes de financiamento estáveis e a precarização das condições de trabalho são desafios constantes que ameaçam sua continuidade. O estudo revela que, embora o jornalismo independente tenha um impacto social significativo, principalmente em comunidades marginalizadas, ele enfrenta barreiras financeiras e estruturais que dificultam sua viabilidade a longo prazo. Sendo assim, o trabalho aponta a necessidade de desenvolver estratégias inovadoras de financiamento que garantam a sustentabilidade dessas iniciativas sem comprometer sua independência editorial. O fortalecimento de redes de apoio comunitárias e institucionais também é essencial para assegurar que o jornalismo independente continue a desempenhar seu papel na democratização da informação e na construção de narrativas mais plurais e inclusivas.

Palavras-chave: Jornalismo Independente; Sustentabilidade; Mariana; Memória; *Crowdfunding*.

ABSTRACT

This study aims to analyze the challenges and sustainability strategies adopted by *A Sirene* newspaper, created by and for those affected by the collapse of the Fundão dam in Mariana (MG) in 2015. The research was conducted through a literature review, covering publications from 2019 to 2024, focusing on alternative funding such as crowdfunding and donations. *A Sirene* stands out for its collaborative and counter-hegemonic approach, where the victims themselves participate in editorial production. However, the lack of stable funding sources and the precariousness of working conditions are ongoing challenges that threaten its continuity. The study reveals that although independent journalism has a significant social impact, especially in marginalized communities, it faces financial and structural barriers that hinder its long-term viability. In conclusion, the paper highlights the need to develop innovative funding strategies and public policies that ensure the sustainability of such initiatives without compromising their editorial independence. Strengthening community and institutional support networks is also essential to ensure that independent journalism continues to play its role in democratizing information and constructing more plural and inclusive narratives.

Keywords: Independent Journalism; Sustainability; Mariana; Memory; Crowdfunding.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	10
3. JUSTIFICATIVA	10
4. REVISÃO DE LITERATURA	11
4.1. O jornalismo independente e o jornalismo tradicional	11
4.2. Os jornais independentes e alternativos em novos arranjos produtivos	13
4.3. A precarização enfrentada pelos arranjos jornalísticos no Brasil	15
4.4. O jornal A Sirene	17
5. METODOLOGIA	18
6. RESULTADOS	19
6.1. O <i>crowdfunding</i>	21
6.2. Publicidade e marketing de afiliados	21
6.3. Doações de pessoas físicas e jurídicas	22
6.4. Assinaturas e paywall	22
6.5. Financiamento público e privado.....	22
6.6. Realização de cursos e eventos	23
6.7. Patrocínios públicos e privados	23
6.8. Vendas de conteúdo e serviço.....	23
6.9. Financiamento por meio de editais e fundações	24
6.10. Prestação de serviços e consultoria.....	24
6.11. Venda de produtos relacionados à marca	24
6.12. Recursos próprios	25
6.13. Trabalho voluntário.....	25
6.14. Apoio do governo	26
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

O jornal A Sirene, fundado em fevereiro de 2016, é uma iniciativa criada pelos próprios atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais. O desastre, ocorrido em 2015, foi uma das maiores tragédias socioambientais do Brasil, e gerou graves consequências ambientais, sociais e econômicas para as comunidades locais. A Sirene nasceu da necessidade de dar voz às vítimas, permitindo que contassem suas próprias histórias e documentassem suas lutas por reparação e justiça, em um cenário onde a grande mídia frequentemente negligenciava ou distorcia suas narrativas (A Sirene, 2023; Botelho *et al.*, 2021).

Desde a sua criação, o jornal vem sendo uma ferramenta de comunicação popular, essencial para manter a memória viva da tragédia e assegurar que os direitos dos atingidos sejam defendidos. O jornal, distribuído gratuitamente em Mariana e Barra Longa, é produzido de forma colaborativa por moradores, jornalistas e estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e se distingue pela abordagem horizontal na sua produção editorial, onde os próprios atingidos decidem o conteúdo a ser publicado (Alves; Bitar, 2017).

O formato visual e acessível da publicação, com uma linguagem próxima da oralidade, contribui para que o jornal seja amplamente aceito e respeitado nas comunidades afetadas (Brittes, 2016).

Apesar da importância do Jornal A Sirene, a sustentabilidade financeira tem sido um desafio constante. Em um cenário de declínio no financiamento, o jornal passou a adotar estratégias alternativas, como o *crowdfunding*, para garantir sua continuidade. Em 2021, uma campanha de financiamento coletivo foi lançada para arrecadar fundos e manter o jornal em operação, destacando a importância da mobilização comunitária e do apoio de doadores (Cabrera, 2014; A Sirene, 2021).

Este modelo, como apontam Alves e Bitar (2017), tem sido crucial para assegurar a independência editorial do jornal, evitando a dependência de grandes corporações e possibilitando uma narrativa genuína das comunidades atingidas.

O presente estudo teve como objetivo investigar as estratégias de financiamento e a importância do jornalismo independente na promoção da justiça e da memória coletiva. A pesquisa se fundamentou em uma revisão bibliográfica abrangente, consultando publicações dos últimos anos, com foco em temas como sustentabilidade financeira, credibilidade no jornalismo independente e o impacto social do Jornal A Sirene. Para tal, utilizou-se como base o Google Acadêmico, seguindo os critérios de inclusão de artigos publicados entre até o ano de

2024, pois por se tratar de um tema que não é tão abordado, foram analisados todos os materiais que tratassem do assunto que foram encontrados. Além de excluir estudos que não abordassem diretamente o jornalismo independente ou as comunidades atingidas por desastres socioambientais (Gil, 2008).

A relevância desta pesquisa se encontra na análise das dinâmicas de comunicação em situações de crise, com A Sirene servindo como um exemplo de como o jornalismo independente pode se estabelecer como uma ferramenta de resistência, empoderamento e transformação social.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral do presente trabalho visa analisar estratégias de financiamento do Jornal A Sirene capazes de potencializar a sua sustentabilidade financeira. Já os objetivos específicos são estes:

- Analisar os modelos não-convencionais de negócios jornalísticos;
- Compreender as estratégias de gestão utilizadas por organizações não-convencionais, como A Sirene, em especial, no quesito de sustentabilidade financeira;
- Perceber as adequações de estratégias de sustentabilidade financeira para o Jornal A Sirene.

3. JUSTIFICATIVA

A justificativa para este estudo reside na necessidade de investigar e propor estratégias viáveis para a sustentabilidade financeira de veículos de comunicação independentes, exemplificados pelo Jornal A Sirene. Este jornal, segundo Botelho *et al.* (2021) criado por vítimas do rompimento da barragem de Fundão, é uma plataforma de resistência e empoderamento que documenta as lutas por reparação e justiça das comunidades atingidas (Botelho *et al.*, 2021). Em um contexto em que a grande mídia tende a priorizar narrativas alinhadas aos interesses de grandes corporações, veículos independentes como A Sirene preenchem uma lacuna ao dar visibilidade a vozes marginalizadas (Alves; Bitar, 2017).

Além disso, o jornalismo independente é fundamental para a pluralidade de informações, contribuindo para a democracia e oferecendo uma visão mais ampla dos impactos de eventos socioambientais. Para Brittes (2016) a Sirene é, portanto, um exemplo claro de como essas iniciativas podem fortalecer a cidadania e permitir que as comunidades afetadas participem ativamente das narrativas que moldam suas histórias. Contudo, Lelo (2019) diz que a viabilidade econômica dessas iniciativas é frequentemente ameaçada pela falta de recursos financeiros e pela precarização das condições de trabalho dos jornalistas. Essa situação exige a implementação de modelos inovadores de financiamento que garantam a continuidade desses veículos sem comprometer sua autonomia editorial.

A presente pesquisa justifica-se não apenas pela importância de garantir a continuidade de um jornal que desempenha um papel crucial na memória e luta de uma comunidade, mas também por sua contribuição para o campo do jornalismo como um todo. A análise das estratégias de financiamento propostas neste estudo pode beneficiar outros veículos de comunicação que enfrentam desafios semelhantes, fomentando um ecossistema midiático mais diversos e sustentáveis.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. O jornalismo independente e o jornalismo tradicional

O jornalismo independente emerge como uma resposta direta às limitações impostas pelo modelo tradicional de mídia, que, por sua estrutura empresarial e dependência de grandes anunciantes, muitas vezes prioriza interesses comerciais e corporativos em detrimento de uma cobertura mais plural e democrática. Esse contraste é particularmente relevante quando se observa o papel fundamental que o jornalismo independente desempenha na ampliação das vozes marginalizadas e na cobertura de questões que frequentemente são ignoradas ou sub-representação pelos grandes conglomerados de mídia (Alves; Bitar, 2017).

O jornalismo tradicional, por sua vez, caracteriza-se por uma abordagem centralizada e fortemente vinculada a interesses econômicos e políticos. A dependência de grandes corporações e a busca por rentabilidade tornam os veículos tradicionais mais suscetíveis a influências externas, o que pode comprometer a imparcialidade e a pluralidade de suas coberturas. Como destacado por Fígaro *et al.* (2021), o jornalismo tradicional tende a privilegiar pautas que atendam aos interesses de seus patrocinadores, o que frequentemente

resulta em uma narrativa padronizada e homogênea. Em contrapartida, o jornalismo independente oferece uma perspectiva alternativa, sendo guiado por uma missão editorial mais comprometida com a verdade e com as necessidades das comunidades que busca representar.

Uma característica marcante do jornalismo independente é sua abordagem colaborativa e seu compromisso com a construção de narrativas que privilegiam o protagonismo das fontes, especialmente em contextos de crises socioambientais e políticas, como evidenciado pela atuação do jornal A Sirene. Segundo Botelho *et al.* (2021), este veículo, que nasceu a partir das demandas da comunidade atingida pelo desastre de Mariana, ilustra bem como o jornalismo independente pode preencher as lacunas deixadas pela grande mídia ao focar em questões locais e na memória coletiva de grupos historicamente marginalizados (Botelho *et al.*, 2021).

O caráter descentralizado e a produção colaborativa com as próprias vítimas do desastre são elementos que diferenciam esse tipo de jornalismo da grande mídia, que frequentemente retrata tais eventos de maneira superficial e descontextualizada (Bruck; Vargas, 2020).

O jornalismo independente é também profundamente marcado pela busca de credibilidade junto ao seu público, algo que se constrói pela proximidade com as audiências e pela transparência em suas práticas editoriais. Batista (2020) ressalta que a credibilidade no jornalismo independente é sustentada pela autenticidade e pelo compromisso com a verdade, o que contrasta com a percepção de manipulação ou parcialidade frequentemente associada aos veículos tradicionais. Essa relação de confiança é fortalecida pela independência financeira, com muitas iniciativas optando por formas de financiamento alternativo, como o *crowdfunding*, que permite ao público financiar diretamente as publicações, mantendo-as livres de interferências comerciais e políticas (Cabrera, 2014; Nonato, 2015).

Além disso, o jornalismo independente é muitas vezes associado a práticas mais inovadoras e disruptivas, tanto no que diz respeito à produção de conteúdo quanto à sua distribuição. A migração para plataformas digitais e o uso de novas tecnologias de comunicação têm permitido que veículos como A Sirene alcancem um público maior e mais diversos, mesmo operando com recursos limitados, de acordo com Riffel (2022). Ao contrário do modelo tradicional, que se apoia fortemente na publicidade como principal fonte de receita, o jornalismo independente tem explorado formas mais diversificadas de financiamento, como doações, assinaturas e a venda de produtos relacionados à marca, além de contar com a participação voluntária de seus colaboradores (Silveira; Paul; Ramos, 2021).

O contraste entre o jornalismo independente e o tradicional também se manifesta nas condições de trabalho dos profissionais envolvidos. Enquanto o modelo tradicional oferece, em muitos casos, maior estabilidade e recursos financeiros, os jornalistas independentes frequentemente enfrentam precarização, jornadas extensas e a necessidade de utilizar recursos próprios para a produção de conteúdo (Lelo, 2019). No entanto, essa precariedade é muitas vezes compensada pela maior liberdade e pela possibilidade de trabalhar em projetos que tenham um impacto social mais direto e relevante para comunidades específicas (Fígaro *et al.*, 2021).

O jornalismo independente representa uma alternativa ao modelo tradicional, tanto em termos de estrutura editorial quanto de práticas de financiamento. Ele desempenha um papel crucial na promoção de uma imprensa mais diversa e plural, especialmente em contextos de crises sociais e ambientais, onde a grande mídia pode falhar em cobrir as complexidades dos eventos e suas consequências. A continuidade e fortalecimento do jornalismo independente, no entanto, dependem da implementação de estratégias que garantam sua sustentabilidade financeira sem comprometer a sua independência, como evidenciado pelo estudo das formas de financiamento adotadas por veículos como A Sirene (Alves; Bitar, 2017; Brittes, 2016).

4.2. Os jornais independentes e alternativos em novos arranjos produtivos

Os jornais independentes e alternativos têm se consolidado como parte de novos arranjos produtivos no campo do jornalismo, rompendo com as estruturas tradicionais de mídia ao adotar formas mais flexíveis e colaborativas de organização. Esses novos arranjos surgem em resposta às pressões do mercado sobre os grandes veículos de comunicação, os quais, cada vez mais concentrados e dependentes de receitas publicitárias, tendem a limitar o espaço para a pluralidade de vozes e pautas que desafiem o status quo. Em contraste, o jornalismo independente busca formas de viabilizar sua produção sem depender de conglomerados empresariais, oferecendo maior autonomia editorial e uma proximidade mais significativa com seu público (Alves; Bitar, 2017).

A noção de arranjos produtivos alternativos no jornalismo está diretamente ligada à capacidade de inovação e adaptação desses veículos frente às mudanças tecnológicas e às novas demandas da sociedade. De acordo com Fígaro *et al.* (2021), esses arranjos envolvem novas práticas de trabalho e formas de organização que promovem a descentralização das decisões editoriais e a horizontalidade nas relações entre os jornalistas e suas audiências. Em

muitos casos, esses veículos adotam uma abordagem colaborativa, onde a produção de conteúdo é realizada com a participação ativa do público, especialmente em comunidades que são marginalizadas pela grande mídia (Riffel, 2022).

O jornal A Sirene é um exemplo notável de como esses arranjos produtivos alternativos funcionam na prática. Fundado por vítimas do rompimento da barragem de Fundão, o jornal utiliza uma estrutura produtiva colaborativa, onde as próprias vítimas têm participação direta na definição das pautas e na produção dos conteúdos. Essa dinâmica permite que as vozes dos atingidos sejam representadas de forma autêntica, contrastando com a cobertura muitas vezes distorcida ou superficial da mídia tradicional (Botelho *et al.*, 2021). Além disso, a produção do jornal depende de recursos oriundos de financiamento coletivo e doações, o que reforça sua independência editorial e seu compromisso com as demandas da comunidade local (Nonato, 2015).

A inovação tecnológica desempenha um papel crucial nesses novos arranjos produtivos, facilitando tanto a produção quanto a distribuição de conteúdo. A migração para plataformas digitais e o uso de redes sociais permitiram que muitos veículos independentes expandissem seu alcance, alcançando audiências que antes eram inacessíveis pelos meios tradicionais (Silveira; Paul; Ramos, 2021). Essa expansão digital também trouxe novas oportunidades de financiamento, como o uso de *crowdfunding*, assinaturas digitais e parcerias com organizações sem fins lucrativos, que ajudam a garantir a sustentabilidade financeira desses veículos (Cabrera, 2014).

Outro aspecto importante dos arranjos produtivos no jornalismo independente é a flexibilização das rotinas de trabalho. Ao contrário dos grandes veículos, que operam com estruturas rígidas e hierarquizadas, os jornais independentes tendem a adotar uma abordagem mais fluida e participativa. Como observado por Lelo (2019), essa flexibilização pode resultar em condições de trabalho mais precárias para os jornalistas, que muitas vezes precisam conciliar múltiplas funções e trabalhar com recursos limitados. No entanto, essa precariedade é, em parte, compensada pela liberdade editorial e pelo impacto direto que esses jornalistas têm em suas comunidades.

A intersecção entre tecnologia, inovação e participação comunitária tem sido central para a consolidação desses novos arranjos produtivos. Ao oferecer modelos de produção mais democráticos e transparentes, os jornais independentes não apenas ampliam o acesso à informação, mas também fortalecem as capacidades críticas e participativas de suas audiências. Dessa forma, eles contribuem para a criação de um ecossistema midiático mais

plural e inclusivo, onde as vozes marginalizadas podem ser ouvidas e respeitadas (Fígaro; Barros; Kinoshita, 2019).

Os novos arranjos produtivos que caracterizam o jornalismo independente representam uma resposta direta às limitações do modelo tradicional, promovendo maior autonomia, inovação e participação comunitária. Esses arranjos desafiam as normas estabelecidas no jornalismo corporativo e abrem caminho para uma imprensa mais diversificada e conectada às realidades locais. No entanto, a viabilidade desses modelos depende da capacidade de garantir sustentabilidade financeira e de enfrentar os desafios relacionados à precarização do trabalho jornalístico, questões que permanecem centrais no debate sobre o futuro do jornalismo independente (Alves; Bitar, 2017).

4.3. A precarização enfrentada pelos arranjos jornalísticos no Brasil

A precarização enfrentada pelos arranjos jornalísticos no Brasil é uma questão central no debate sobre o futuro da mídia independente e das novas formas de organização produtiva no jornalismo. Esse fenômeno, que se intensificou nas últimas décadas, é marcado pela instabilidade econômica, pela flexibilização das relações de trabalho e pela dependência de fontes de financiamento alternativas, como o *crowdfunding* e doações, que, embora garantam certa autonomia editorial, não conseguem assegurar a sustentabilidade de longo prazo dos veículos de comunicação (Nonato, 2015; Riffel, 2022).

O jornalismo independente, que se posiciona como alternativa ao modelo hegemônico da grande mídia, sofre com a ausência de recursos estáveis, o que leva à precarização das condições de trabalho de seus profissionais. De acordo com Lelo (2019), a redução dos investimentos em veículos alternativos e a concentração de poder nas mãos de conglomerados de mídia resultam na diminuição de oportunidades de trabalho, levando muitos jornalistas a buscarem alternativas fora dos grandes centros de produção de notícias. No entanto, esses jornalistas frequentemente enfrentam a necessidade de trabalhar em condições adversas, com baixos salários, falta de infraestrutura adequada e a responsabilidade de acumular múltiplas funções.

O cenário de precarização é agravado pela crise estrutural no mercado jornalístico, que impacta diretamente os veículos tradicionais e independentes. Enquanto os grandes veículos de mídia ainda conseguem atrair receitas publicitárias, o jornalismo independente, ao não se submeter às lógicas de mercado dominantes, enfrenta um desafio maior para viabilizar suas operações. O estudo de Fígaro *et al.* (2021) aponta que os jornalistas independentes

muitas vezes precisam atuar como produtores, editores e repórteres simultaneamente, o que aumenta a carga de trabalho e os limita às possibilidades de especialização. Esse acúmulo de funções é um reflexo direto da escassez de recursos e da falta de apoio institucional, tanto por parte de governos quanto de empresas privadas.

Além disso, a flexibilização das relações de trabalho no jornalismo, que vem acompanhada de um aumento no número de profissionais freelancers e a diminuição de vínculos empregatícios formais, tem sido um fator decisivo para a precarização. No contexto dos arranjos produtivos independentes, muitos jornalistas acabam por depender de colaborações esporádicas ou de projetos pontuais, sem garantias de estabilidade financeira ou de benefícios trabalhistas (Batista, 2020). Essa situação também contribui para a desvalorização do trabalho jornalístico, uma vez que a oferta de mão de obra supera a demanda, permitindo que empregadores ofereçam remunerações cada vez menores.

Outro aspecto relevante é a influência da transformação digital sobre as condições de trabalho no jornalismo. Se, por um lado, a internet facilitou a criação e distribuição de conteúdo por veículos independentes, por outro, ela também aumentou a concorrência e reduziu as barreiras de entrada no mercado, o que levou a uma fragmentação da audiência e à diminuição das receitas publicitárias (Silveira; Paul; Ramos, 2021). Como resultado, os jornalistas independentes frequentemente precisam buscar alternativas criativas para financiar suas atividades, como a venda de produtos, a oferta de serviços de consultoria ou a criação de conteúdos patrocinados, o que nem sempre é suficiente para garantir sua sustentabilidade (Alves; Bitar, 2017).

A situação é particularmente grave quando se observa o impacto da precarização sobre a qualidade do jornalismo produzido. A falta de recursos financeiros e de tempo adequado para a apuração pode comprometer a profundidade e a precisão das reportagens, levando à produção de conteúdo superficiais ou mal investigados. Além disso, a dependência de formas alternativas de financiamento, como o *crowdfunding*, pode criar pressões editoriais sobre os jornalistas, que muitas vezes precisam adaptar suas pautas e narrativas para atender às expectativas dos seus financiadores, comprometendo, assim, a independência editorial (Cabrera, 2014).

A precarização dos arranjos jornalísticos no Brasil é um desafio complexo que impacta diretamente a sustentabilidade dos veículos independentes e a qualidade do jornalismo produzido. Para que o jornalismo independente continue a desempenhar seu papel fundamental de pluralidade e diversidade informativa, é necessário que se busquem novas formas de financiamento e apoio institucional que garantam a viabilidade econômica e a

dignidade nas condições de trabalho dos jornalistas envolvidos (Alves; Bitar, 2017; Fígaro *et al.*, 2021).

4.4. O jornal A Sirene

O Jornal A Sirene é uma iniciativa emblemática de comunicação popular que surgiu como resposta ao rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais, ocorrido em novembro de 2015. O desastre, considerado o maior crime socioambiental do Brasil, devastou comunidades locais, resultando em perdas humanas, ambientais e econômicas incalculáveis. Diante de uma cobertura midiática tradicional que muitas vezes priorizou os interesses das mineradoras e ofereceu uma visão superficial e sensacionalista dos acontecimentos, o jornal A Sirene foi criado em fevereiro de 2016 para dar voz aos atingidos e possibilitar a construção de suas próprias narrativas (Alves; Bitar, 2017; Botelho *et al.*, 2021).

Com uma tiragem mensal gratuita de aproximadamente 2.000 exemplares, o jornal circula nas comunidades mais afetadas, como exemplo, Mariana e Barra Longa, trazendo histórias de resistência, memória e luta por justiça. Diferente da grande mídia, o jornal se propõe a ser um espaço colaborativo, onde os próprios atingidos não só definem as pautas, mas também produzem e editam os conteúdos, sempre com o suporte técnico de jornalistas e estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) (Bruck; Vargas, 2020; A Sirene, 2023).

A produção do jornal segue um modelo editorial único, que valoriza a oralidade e a singularidade das falas das vítimas, além de adotar uma perspectiva crítica e contra-hegemônica. Seu objetivo é desafiar as narrativas dominantes e expor as falhas das mineradoras e da Fundação Renova no processo de reparação dos danos. As reportagens denunciam as dificuldades enfrentadas pelas comunidades e trazem esclarecimentos sobre os direitos dos atingidos, reforçando o papel do jornal como um instrumento de empoderamento e luta (Britt es, 2016; A Sirene, 2021).

No entanto, a sustentabilidade financeira do jornal tem sido um desafio constante. Inicialmente mantido com recursos provenientes de um acordo entre os atingidos, o Ministério Público e a Arquidiocese de Mariana, o financiamento cessou em 2020, deixando o jornal vulnerável à falta de recursos. Desde então, a equipe do jornal tem buscado alternativas, como campanhas de *crowdfunding*, para garantir sua continuidade. A arrecadação de fundos

por meio da plataforma Evoé e doações diretas via PIX são exemplos das estratégias adotadas para manter a operação do jornal (Cabrera, 2014; Cáritas, 2020).

A Sirene não apenas documenta a luta das comunidades atingidas, mas também oferece uma nova forma de pensar o jornalismo, ao integrar a população diretamente no processo de produção e garantir que suas histórias sejam contadas de forma autêntica e fiel. Como um veículo independente e comunitário, ele segue um modelo de comunicação que privilegia a participação cidadã, sendo um exemplo claro de como o jornalismo pode ser uma ferramenta de transformação social e política (Nonato, 2015; Riffel, 2022).

5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo consistiu em uma revisão bibliográfica com o objetivo de identificar e analisar as principais estratégias de financiamento no jornalismo independente, com foco no caso do Jornal A Sirene. A revisão abrangeu publicações acadêmicas e outras fontes relevantes dos últimos anos até o ano de 2024 seguindo o critério de incluir apenas estudos e artigos disponíveis no Google Acadêmico, *Research Rabbit*, buscas por meio do uso da palavra jornalismo independente na própria rede. (Gil, 2008).

O estudo utilizou critérios de inclusão e exclusão para selecionar as fontes mais relevantes. Foram incluídos artigos que abordassem diretamente o jornalismo independente, os novos arranjos produtivos e as formas de financiamento, como o *crowdfunding*, doações e assinaturas. Por outro lado, foram excluídos artigos que focassem em análises de mídia tradicional ou que não tivessem aplicabilidade direta ao contexto brasileiro, o que visou garantir a pertinência dos dados à realidade enfrentada por veículos como o Jornal A Sirene.

A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, com ênfase na identificação de padrões e tendências recorrentes nas publicações analisadas. O uso de análise de conteúdo permitiu extrair informações relevantes sobre os desafios e soluções adotadas por veículos de comunicação independentes, como as estratégias de financiamento e os modelos organizacionais alternativos. O objetivo foi entender como essas iniciativas se sustentam financeiramente e qual o impacto dessas estratégias na autonomia editorial e na qualidade do jornalismo produzido.

O uso da revisão bibliográfica como metodologia foi essencial para compor um panorama atualizado e abrangente das práticas no jornalismo independente, sem a necessidade de coleta de dados empíricos. Essa escolha metodológica permitiu comparar diferentes

abordagens e experiências documentadas em estudos anteriores, oferecendo uma visão crítica e fundamentada sobre o tema.

6. RESULTADOS

A análise dos resultados obtidos por meio deste estudo reflete a situação atual e os desafios enfrentados pelo Jornal A Sirene e o jornalismo independente de modo mais amplo, particularmente no que diz respeito à sustentabilidade financeira e às novas formas de organização produtiva. O Jornal A Sirene serve como um exemplo claro de uma iniciativa que, apesar de sua relevância social e impacto nas comunidades atingidas pelo desastre de Mariana, tem enfrentado dificuldades significativas para manter suas operações devido à falta de fontes estáveis de financiamento (Alves; Bitar, 2017).

A revisão de literatura destacou que, no caso de veículos de comunicação como o jornal A Sirene, a dependência de financiamento coletivo e de doações pontuais, embora essencial para garantir a continuidade do projeto, gera incertezas quanto à sua sustentabilidade a longo prazo. A interrupção do financiamento garantido pelo Ministério Público e pela Arquidiocese de Mariana em 2020 expôs a vulnerabilidade financeira do jornal e a necessidade de buscar novas formas de apoio (Cáritas, 2020). Esse aspecto evidencia um dos principais desafios enfrentados pelos veículos de comunicação independentes, que, ao não estarem atrelados a grandes corporações, precisam desenvolver mecanismos criativos e diversificados de captação de recursos (Nonato, 2015).

Além dos aspectos financeiros, os resultados demonstram que a organização produtiva do jornalismo independente, particularmente em contextos de crise social e ambiental, como o que ocorreu em Mariana, pode ser uma força significativa na construção de novas narrativas. O fato de o Jornal A Sirene ser produzido pelos próprios atingidos, em colaboração com jornalistas e estudantes, permite que a comunidade mantenha o controle sobre sua própria história, o que contrasta diretamente com a abordagem da mídia tradicional (Bruck e Vargas, 2020). Este modelo editorial, que dá ênfase à participação comunitária e à oralidade, proporciona uma narrativa mais autêntica e próxima das realidades vividas pelas pessoas atingidas (Sirene, 2023).

No entanto, a precarização das condições de trabalho também aparece como um elemento central nos resultados da pesquisa. Assim como outros veículos de jornalismo independente, A Sirene enfrenta dificuldades no que se refere à manutenção de uma equipe estável de jornalistas e colaboradores, o que muitas vezes leva os profissionais envolvidos a

desempenharem múltiplas funções, acumulando responsabilidades e lidando com a falta de recursos materiais e técnicos adequados (Lelo, 2019). Esse cenário, comum a muitos veículos independentes, acaba por comprometer a qualidade do conteúdo produzido e a viabilidade do jornalismo como uma profissão sustentável fora dos grandes conglomerados de mídia (Fígaro; Barros; Kinoshita, 2019).

Além disso, a questão da credibilidade também foi identificada como um fator relevante nos resultados analisados. Batista (2020) diz que apesar das dificuldades financeiras, a proximidade entre o Jornal A Sirene e sua comunidade leitora contribui para que o veículo seja visto como uma fonte confiável de informações, particularmente em contraste com a grande mídia, que muitas vezes é percebida como distante e alinhada aos interesses corporativos. E Silveira, Paul e Ramos (2021) complementam que esse vínculo entre o jornal e a comunidade ajuda a reforçar o papel do veículo não apenas como um meio de comunicação, mas como um espaço de resistência e luta por direitos.

Os resultados desta pesquisa confirmam que o jornalismo independente, exemplificado pelo Jornal A Sirene, enfrenta uma série de desafios relacionados à sua sustentabilidade financeira e à precarização das condições de trabalho, mas também revela o impacto positivo que esses veículos podem ter na construção de narrativas mais plurais e inclusivas. A manutenção desses projetos depende de um equilíbrio delicado entre a inovação nas formas de financiamento e o fortalecimento das redes comunitárias que sustentam sua existência (Alves; Bitar, 2017; Nonato, 2015).

Gráfico 1 - Fontes de financiamento jornalístico



Fonte: Elaboração própria (2024).

A partir da análise realizada, conforme descrito, foram identificadas diversas formas de financiamento que são comumente utilizadas no jornalismo independente e que podem sim ser utilizadas como estratégias de financiamento para o jornal A Sirene. Como apresentado no gráfico 1, foram identificadas 14 formas de financiamento, que serão descritas em ordem decrescente, começando pela mais até a menos citada.

6.1. O *crowdfunding*

O *crowdfunding* foi o modelo de financiamento que obteve o maior número de menções dentre os trabalhos verificados. O *crowdfunding* é definido como uma forma de financiamento coletivo, cujas características remetem à “vaquinha”, ou seja, doação. No Brasil existem plataformas especializadas, como o Catarse, a Benfeitoria e a Vaquinha (Alves; Bitar, 2017).

Esse tipo de financiamento funciona de maneira simples: o interessado envia seu projeto para um site de financiamento coletivo, onde ele é analisado e recebe sugestões de melhorias antes de ser publicado para atrair o engajamento das pessoas interessadas. As doações não possuem um valor pré-estabelecido, podendo variar conforme a opção de cada doador (Nonato, 2015).

Cabrera (2014) complementa afirmando que a utilização do financiamento coletivo também se torna importante para a criação de um modelo de comunicação, podendo servir como uma renda complementar, constituindo uma fonte de arrecadação junto com outros meios de financiamento.

6.2. Publicidade e marketing de afiliados

Segundo Xavier (2014) citado por Alves e Bitar (2017), a publicidade se dá por meio da venda de espaço de anúncio no site, ou seja, o tradicional informe publicitário ou matéria paga. Por se tratar de um jornalismo independente, muitas das vezes, as divulgações que são feitas comumente estão diretamente relacionadas às visões que são compartilhadas pelo jornal.

6.3. Doações de pessoas físicas e jurídicas

Muitos dos jornais independentes possuem em seus sites, uma área onde existe uma página voltada para a contribuição e doação de qualquer valor pelos leitores, seja por meio de pagamento via PIX, cartão de crédito ou *paypal*, bem como campanhas contínuas de doação. Uma grande vantagem dessa abordagem se remete ao fato de gera a possibilidade de criar uma forte relação com os leitores, que podem vir a se sentir parte do projeto contribuírem diretamente para a sua continuidade (Alves; Bitar, 2017).

6.4. Assinaturas e paywall

Essa forma de financiamento se dá por meio da venda de assinaturas individuais mensais, anuais, ou por matéria ou reportagem. O paywall, se refere ao acesso de conteúdos pagos. Desse modo, os utilizadores devem pagar aos mecanismos de jornalismo para que possam ter acesso às peças jornalísticas. Nessa modalidade de financiamento, há a limitação no que tange a quantidade de peças disponibilizadas gratuitamente. Dessa forma, quando o utilizador atinge o limite estabelecido, ele deve pagar para continuar a aceder aos conteúdos disponibilizados (Chaves, 2021).

Segundo Spagnuolo (2016), as assinaturas possuem grandes chances de diminuir a dependência de publicidade de outras formas de geração de renda, como a publicidade ou links patrocinados, e também aumenta a autenticidade do conteúdo.

6.5. Financiamento público e privado

Nas visões de Paulino e Xavier (2015), neste modelo, a geração de receita do veículo jornalístico se dá por meio do pagamento de uma empresa, seja ela do segmento público ou privado, para ter a sua marca vinculada ao conteúdo que é pautado nas matérias jornalísticas. Mas vale destacar que é necessário que o jornal esteja ciente dos princípios da empresa patrocinadora, para que assim, ambos os objetivos estejam alinhados.

6.6. Realização de cursos e eventos

De acordo com Chaves (2021), a realização de eventos, treinamentos e consultorias são formas adicionais de gerar receita para o caixa das redações. Essas atividades não apenas ajudam a angariar fundos, mas também fortalecem o relacionamento com a comunidade e ampliam o alcance do veículo. Em resumo, as possibilidades de gerar receitas no jornalismo são amplas; o desafio é identificar quais fontes de renda se adequam melhor aos valores e às competências de cada arranjo jornalístico e também esse modelo de financiamento se mostra vantajoso, visto que não depende diretamente do público leitor, diversificando as fontes de receita.

6.7. Patrocínios públicos e privados

De acordo com Silveira, Paul e Ramos (2021), alguns arranjos destacam o financiamento através de colaborações com empresas, que podem incluir patrocínios conforme planos específicos, inserção de anúncios e *banners* nos *sites*, criação de conteúdo patrocinado, publicidade nativa e publeditoriais.

Carvalho (2021) aponta que foi escrito em 2019 um artigo pelo presidente executivo da NCC (National Newsmedia Council), John Fraser, “O jornalismo de marca e o conteúdo patrocinado são práticas que têm sido utilizadas por muitos anos. Contudo, segundo especialistas, o fator mais importante é como esse conteúdo é identificado para o público”. Fraser e os membros do Conselho Nacional de Jornalismo (NNC), que defendem práticas jornalísticas éticas, afirmam que não há problema em publicar conteúdos patrocinados, desde que sejam claramente rotulados como tal e mantidos separados dos outros conteúdos noticiosos regulares.

6.8. Vendas de conteúdo e serviço

As organizações de jornalismo investigativo utilizam uma estratégia que envolve a criação de conteúdo exclusivo e aprofundado, que não é geralmente produzido pelas mídias tradicionais (Paulino e Xavier, 2015). Isso significa que veículos de mídia tradicional, devido

às limitações de tempo e recursos humanos, muitas vezes optam por adquirir reportagens de organizações jornalísticas independentes. Um exemplo disso é a cooperativa de jornalistas Desacato, que oferece conteúdo sob demanda, suprimindo as necessidades específicas desses grandes veículos.

6.9. Financiamento por meio de editais e fundações

De acordo com Siqueira e Rocha (2022), existem diversas entidades que lançam editais para financiar projetos jornalísticos, proporcionando uma oportunidade significativa para veículos e profissionais da área. Esses editais são promovidos por organizações não governamentais, fundações, instituições de caridade e, às vezes, até por órgãos governamentais que reconhecem a importância do jornalismo independente e investigativo para a sociedade. Alguns exemplos são estes: Ford Foundation, Fundo Brasil de Direitos Humano e Fundo de Equidade para o Jornalismo (Google News Initiative).

6.10. Prestação de serviços e consultoria

A estratégia consiste na oferta de “cursos de formação sobre técnicas de reportagens investigativas e serviços de análise de dados” de acordo com Xavier, (2014), citado por Alves e Bitar (2017). Além disso, a prestação de serviços pode abranger diversas áreas, já que as iniciativas de jornalismo sem fins lucrativos, se especializam em uma variedade de temas, muitas vezes bastante específicos. Essas organizações podem oferecer cursos presenciais e online, palestras, oficinas e *workshops* elaborados por suas equipes com o apoio de especialistas de diferentes áreas do conhecimento, abordando temas educativos.

6.11. Venda de produtos relacionados à marca

Com relação à venda de produtos relacionados à marca é uma estratégia financeira com a comercialização de itens que reforçam a identidade de financiamento que envolve a comercialização de itens que reforçam a identidade do veículo jornalístico A Sirene e geram receita adicional. Esses produtos podem incluir uma ampla gama de itens, como camisetas, canecas, livros, e outros itens que promovem o logo ou a missão do jornal.

Embora a venda de produtos relacionados à marca do jornal A Sirene possa complementar outras fontes de financiamento, ela geralmente não é suficiente para garantir a sustentabilidade financeira de um veículo jornalístico por si só. Assim, é recomendável que essa abordagem seja utilizada em conjunto com outras formas de arrecadação, como assinaturas, doações e publicidade com marcas que vão de acordo com os princípios estabelecidos pelo jornal.

6.12. Recursos próprios

Muitas vezes, o jornalismo independente não possui nenhuma forma de financiamento, ou a forma de financiamento que é utilizada não é capaz de garantir a sustentabilidade jornalística em sua totalidade, e por isso, há a necessidade de fazer uso de recursos próprios para que seja possível a manutenção do jornalismo (Alves; Bitar, 2017).

Conforme observado por Bitar (2016), muitos arranjos jornalísticos têm optado por operar com seus próprios recursos financeiros enquanto não encontram uma solução de financiamento sustentável que não comprometa sua autonomia editorial. Enquanto buscam novas fontes de financiamento, como doações, assinaturas ou parcerias, esses arranjos mantêm uma postura firme em preservar sua independência, evitando qualquer tipo de influência externa que possa impactar sua liberdade de expressão e a integridade do conteúdo jornalístico que produzem.

6.13. Trabalho voluntário

Confirmando a observação de Bitar (2016), Silveira, Paul e Ramos (2021) complementam afirmando que o trabalho voluntário realizado pelos profissionais que possuem alguma formação na área do jornalismo ou área semelhante que trabalham nos arranjos jornalísticos são verificados como práticas comuns. Isso sugere que, mesmo em arranjos com fontes de financiamento, os recursos obtidos frequentemente são insuficientes para cobrir os custos operacionais e remunerar adequadamente as pessoas envolvidas nas atividades, onde por muita das vezes, o profissional atua de forma vocacional, onde a vontade acaba sendo movida pelo profundo compromisso com a área, onde as motivações não são puramente financeiras.

6.14. Apoio do governo

Especialmente a administração pública federal, desempenha um papel significativo como financiador de mídia no Brasil, estando amplamente presente no mercado de comunicação do país. Sua principal forma de alocação de recursos para empreendimentos jornalísticos é através de publicidade. Além disso, é possível obter financiamento público por meio de patrocínios de entidades da administração pública indireta ou participando de concorrências por meio de editais (Carvalho, 2021).

De acordo com as formas de financiamento, pode-se concluir que muitas das encontradas se encaixam ao perfil do Jornal A Sirene, e, pode-se destacar também que algumas delas já são utilizadas pelo jornal, como por exemplo, as assinaturas, doações, venda de produtos e as parcerias, *crowdfunding*, etc. E analisando as formas de financiamento, pode-se destacar que ainda existem oportunidades para fortalecer essas estratégias. Entre elas, destaca-se a expansão de parcerias institucionais e o aumento da visibilidade das campanhas de financiamento coletivo, visando garantir um fluxo de recursos mais estável. A diversificação das fontes de receita, aliada ao forte apoio da comunidade, é essencial para a sustentabilidade do jornal. Ademais, a exploração de novas oportunidades, como parcerias internacionais, e as demais formas de financiamento que foram mencionadas neste trabalho e que o jornal ainda não faz uso, por exemplo, pode ampliar o alcance da publicação e oferecer maior estabilidade financeira a longo prazo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível identificar e explorar as complexidades e os desafios enfrentados pelo jornalismo independente, com especial destaque para o Jornal A Sirene, uma iniciativa nascida em um contexto de crise socioambiental sem precedentes no Brasil. A análise revelou que, embora o jornalismo independente apresente um papel essencial na democratização da informação e na amplificação de vozes marginalizadas, ele enfrenta dificuldades estruturais, principalmente relacionadas à sua sustentabilidade financeira e à precarização das condições de trabalho.

O Jornal A Sirene se destaca como um exemplo claro de resistência e inovação no campo da comunicação. Criado a partir da necessidade urgente de narrar as histórias dos atingidos pelo desastre de Mariana, o jornal tem sido uma plataforma essencial para a manutenção da memória coletiva e para a luta pelos direitos das comunidades afetadas ao permitir que os próprios atingidos participem ativamente da produção editorial, o jornal desafia as convenções da grande mídia, que muitas vezes se mantém distante das realidades locais e privilegia narrativas que favorecem interesses corporativos. Nesse sentido, A Sirene não é apenas um veículo de comunicação, mas um instrumento de empoderamento e de transformação social.

Entretanto, os desafios enfrentados por esse tipo de iniciativa são significativos. A falta de fontes estáveis de financiamento expõe a vulnerabilidade dessas plataformas, que frequentemente dependem de doações e de campanhas de financiamento coletivo para manter suas operações. Essa realidade cria uma tensão constante entre a busca por independência editorial e a necessidade de garantir recursos para continuar produzindo conteúdos de qualidade. Além disso, a precarização das condições de trabalho dos jornalistas independentes, que muitas vezes acumulam funções e enfrentam jornadas extenuantes, reflete uma problemática maior do setor jornalístico, que ainda carece de soluções concretas para tornar essas iniciativas financeiramente viáveis.

Apesar dessas dificuldades, é inegável que o impacto social e político de veículos como o Jornal A Sirene é profundo. O jornalismo independente, ao dar voz a comunidades que normalmente seriam silenciadas ou ignoradas pela mídia tradicional, cumpre um papel fundamental na construção de uma sociedade mais plural e justa. Ele cria espaços de diálogo, de reflexão e de ação, onde os leitores podem não apenas consumir informações, mas também se engajar ativamente na luta por direitos e justiça.

Assim, este estudo conclui que o fortalecimento do jornalismo independente depende de uma conjugação de esforços entre inovação nas formas de financiamento que protejam essas iniciativas, e a construção de redes de apoio comunitárias e institucionais que garantam a sua continuidade. O Jornal A Sirene demonstra que, mesmo diante de adversidades significativas, é possível produzir um jornalismo de qualidade, comprometido com as causas sociais e com a verdade, desde que haja um compromisso coletivo com sua sustentação.

Portanto, as considerações finais deste trabalho apontam para a necessidade de ampliar o debate sobre a sustentabilidade do jornalismo independente no Brasil e de pensar em soluções que permitam a continuidade dessas iniciativas sem que elas precisem abrir mão de sua independência editorial. Afinal, o jornalismo, sobretudo aquele que nasce do seio das comunidades mais vulneráveis, deve ser um instrumento de justiça, de memória e de transformação. Dessa forma, vale mencionar também que a origem dos recursos próprios utilizados pelo jornal não foi claramente definida, a partir dos materiais analisados, tornando incerto se eles vêm de um colaborador individual ou de uma contribuição coletiva de toda a equipe jornalística.

Assim, adicionalmente, sugere-se que estudos futuros sejam realizados para analisar as estratégias mais adequadas ao perfil do jornal A Sirene, permitindo que ele utilize as estratégias de financiamento de forma assertiva, com base no que melhor atende às suas características jornalísticas.

Por fim, é importante mencionar algumas limitações enfrentadas durante o desenvolvimento deste trabalho, especialmente a dificuldade em estabelecer contato com a equipe do jornal A Sirene, e também com uma das pessoas atingidas. Isso impossibilitou uma compreensão mais aprofundada e direta sobre o funcionamento das suas estratégias de financiamento e como o jornal impacta a vida das pessoas atingidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Yago Modesto; BITAR, Marina Parreira Barros. **Novas formas de financiamento no jornalismo sem fins lucrativos**. Prisma.com, n.º 33, 2017, p. 72-89. DOI: 10.21747/16463153/33a472. ISSN: 1646-315. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2853/2605>. Acesso em 18 jan. 2024.
- BATISTA, Rafaelle Christine. **Credibilidade no jornalismo independente: uma análise do ethos discursivo da agência pública**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/58923>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- BITAR, Marina Parreira Barros. **O jornalismo pós-industrial como experiência da Ponte**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais. São Paulo: Intercom, 2016. pp. 1-15. Disponível em: <https://goo.gl/EJj6J8>. Acesso em: 07 abr. 2024
- BOTELHO, Marcos Ribeiro *et al.* **Rompimento das barragens de Fundão e da Mina do Córrego do Feijão em Minas Gerais, Brasil: decisões organizacionais não tomadas e lições não aprendidas**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 46, p. 1-11, dezembro 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000018519>. Acesso em: 04 dez. 2023.
- BRITTES, Juçara Gorski. A Sirene e o Direito à Comunicação dos Atingidos pela Lama. IN: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, São Paulo, SP. Anais. 1-14 05 a 09/09/2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2158-1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- BRUCK, Mozahir Salomão; VARGAS, Herom. **Narrativas da memória como dispositivo: A Sirene e a luta contra o esquecimento**. Matrizes, v. 14, n. 2, p. 289-306, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143066518016>. Acesso em: 04 dez. 2023.
- CABRERA, María Ángeles. **La audiencia como promotora de la innovación periodística a través del crowdfunding**. Repositorio Institucional de la Universidad de Málaga, Málaga, 2014. Disponível em:

<https://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/7954/SEP14.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 dez. 2023.

CÁRITAS BRASILEIRA. Salve o Jornal A Sirene! 2022 Disponível em: <https://mg.caritas.org.br/noticias/salve-o-jornal-a-sirene>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CARVALHO, Eleonora de Magalhães. **Financiamento de mídia alternativa no Brasil.** Revista RCD, vol. 05, p. 101-125, ano 03 jan.-jun. 2021 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rcd/article/view/59841/38680>. Acesso em: 04 dez. 2023.

CHAVES, Liliane de Souza. Em busca de sustentabilidade: lições de empreendimentos luso-brasileiros de jornalismo independente fundados por jornalistas. 2021. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/disserta%C3%A7%C3%A3o-mestrado-liliane-de-souza-chaves.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FÍGARO, Roseli; BARROS, Janaina Visibeli; KINOSHITA, Jamir. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.** Anais... Goiânia: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003029161.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

FÍGARO, Roseli et al. **Arranjos jornalísticos: organização, sustentação, formas de trabalho e discurso jornalístico.** In: FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia (org.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas.** São Paulo: ECA-USP/Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/E-book_ArranjosJornalisticos_Brasil.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORNAL A SIRENE. Para não esquecer. Edição n.º 59, mar. 2021 Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/edi_o_59_-_mar_o_de_2021_-_jornal_a_sirene_corri. Acesso em: 03 fev. 2024

JORNAL A SIRENE. Para não esquecer. Edição n.º 86, jun. 2023. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/jornalasirene_junho23_altaissuu. Acesso em: 03 fev. 2024.

LELO, Thales Vilela. **A precarização das condições de trabalho dos jornalistas de São Paulo segmentada por faixas etárias.** Tempo Social, v. 31, n. 2, p. 243-261, 2019.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ts/a/bYV6sJL5T9qtjYpCnqCvjNS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2023.

NHENGATU, São Paulo-SP, vol. 1, n.6, p.235-254 jan.-dez., 2022. Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Desktop/Lista%20de%20artigos%20A%20SIRENE/FORMAS%20DE%20FINANCIAMENTO%20E%20MANUTEN%C3%87%C3%83O%20DO%20WEBJORNALISMO.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

NONATO, Cláudia. Revista Alterjor, v. 12, n. 2, p. 44-57, 2015. Disponível em:

<https://goo.gl/Ry2GpJ>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PAULINO, F. O.; XAVIER, A. R. **Jornalismo sem fins lucrativos: transição, sustentabilidade, expansão e independência.** Revista Comunicação Midiática, v. 10, n. 1, p. 154-168, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/MGwH1A>. Acesso em: 4 nov. r. 2023.

RIFFEL, Cristiane Maria. **O discurso jornalístico alternativo no digital e os efeitos de sentido de independente.** 2022. 153 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/ad7ddbb0-5c0e-4050-a450-bd8e310d6fc6>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SILVEIRA, Stefanie Carlan da; PAUL, Dairan Mathias; RAMOS, Alessandra Natasha Costa. **Inovação e sustentabilidade em novos arranjos econômicos jornalísticos de Santa Catarina.** Revista Observatório. V. 7 n.4 p. 1-20 out. dez. 2021. Disponível em:

[INOVACAO-E-SUSTENTABILIDADE-EM-NOVOS-ARRANJOS-ECONOMICOS-JORNALISTICOS-DE-SANTA-CATARINA.pdf \(researchgate.net\)](https://www.researchgate.net/publication/358111111) Acesso em 02 dez 2023.

SIQUEIRA, Anderson Luan Santana; ROCHA, Liana Vidigal. **Formas de financiamento e manutenção do webjornalismo independente no Brasil: uma revisão da literatura.**

Nhengatu, ISSN: 2318-5023, São Paulo-SP, vol. 1, n.6, jan.-dez., 2022, p.235-254.

Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Desktop/Lista%20de%20artigos%20A%20SIRENE/FORMAS%20DE%20FINANCIAMENTO%20E%20MANUTEN%C3%87%C3%83O%20DO%20WEBJORNALISMO.pdf>

[20FINANCIAMENTO%20E%20MANUTENÇÃO%20DO%20WEBJORNALISMO.pdf](#).

Acesso em: 12 jan 2024.

SPAGNUOLO. **O Nexo pode realmente dar certo: se as pessoas pagarem para ver.** 2016.

Disponível em: <https://goo.gl/hJ5>. Acesso em: 04 abr. 2024.